

Nov. 1957 -

publicado no "D. et."

SÁBADO

FOI uma bobagem ficar no Rio neste sábado de mormaço. Acordo cedo, espio a praia, fico hesitando — se escrevo antes de ir à praia, se vou à praia antes de escrever. Na verdade não sinto vontade de fazer uma coisa, nem outra. Ponho-me a ler uns diálogos de Frei Amador Arrais. Esse frade não descobriu a pólvora; suas idéias não iam nada além das costumeiras de seu tempo, e talvez ficassem um pouco atrás; mas escrevia honradamente seu português.

Veja-se o diálogo sobre os judeus. A certa altura ele diz, pela boca de Aureliano, que antes da vinda de Nosso Senhor houve judeus de tanta virtude que «o mesmo Deus parecia seu cronista». Eis um colega velho e ilustre, que muito honra a mim e ao Jean Pouchard. Mas se detestava os judeus não queria menos mal aos árabes, cujo profeta chama de «perro malaventurado», e confessa que «me fedem Mouros sobre todas as coisas».

Largo o frade e vou aos jornais. O tenente Fernando continua no mato, em mãos dos iniéis, mas livre dos repórteres. Vai haver um leilão de pôtrós que, segundo o cronista especializado, «ainda de argolão, e quase bôbos, vão ao desfile, incógnitos e misteriosos». Pelo jeito deve ser alguma coisa assim como baile de debutantes. Não vou à Gávea; não sou do turfe, e cultivo carinhosamente esta falta de vício, a minha única.

Agora já é inútil pensar em ir à praia; caiu um sudoeste. E eu que podia estar no sítio do Juca chupando jabo-ticabas ou na casa do Hélio Uchôa, em Cabo Frio, bebendo vento e paisagem!

Vou parar a crônica por aqui; está fraca, mas não é possível fazer nada melhor com esse mormaço. Logo mais vou ver o basquete, russas contra americanas e brasileiras contra tchecas. Não gosto muito de basquete, mas preciso estar presente e torcer um pouco em defesa dos valores da civilização ocidental. (Com restrições a favor da tcheca Ludmila, que é uma graça). E adeus.